



**I Encontro Internacional de Língua Portuguesa e Relações Lusófonas**

**L U S O C O N F**

**2018**

# Livro de Atas

Editores:

Carla Araújo  
Carlos Teixeira  
Cecília Falcão  
Lídia Machado dos Santos  
Paula Odete Fernandes  
Vitor Gonçalves

## Ficha Técnica

### Título

---

**LUSOCONF2018**

**I Encontro Internacional de Língua Portuguesa e Relações Lusófonas: livro de atas**

### Editores

---

<b>Carla Araújo</b>	<b>Instituto Politécnico de Bragança</b>
<b>Carlos Teixeira</b>	<b>Instituto Politécnico de Bragança</b>
<b>Cecília Falcão</b>	<b>Instituto Politécnico de Bragança</b>
<b>Lídia Machado dos Santos</b>	<b>Instituto Politécnico de Bragança</b>
<b>Paula Odete Fernandes</b>	<b>Instituto Politécnico de Bragança</b>
<b>Vitor Gonçalves</b>	<b>Instituto Politécnico de Bragança</b>

### Capa

---

**António Meireles e Vitor Gonçalves**

### Edição

---

**Instituto Politécnico de Bragança**  
**Campus de Santa Apolónia**  
**5300-253 Bragança**  
**Portugal**

**Data de edição: 2019**

**ISBN: 978-972-745-248-4**

**Handle: <http://hdl.handle.net/10198/18595>**

**URL: [www.lusoconf.ipb.pt](http://www.lusoconf.ipb.pt)**

**Email: [lusoconf@ipb.pt](mailto:lusoconf@ipb.pt)**

## Índice

<b>Comissão Científica</b> .....	iii
<b>Comissão Organizadora</b> .....	v
<b>Programa Geral do LUSOCONF2018 (dia 1)</b> .....	vi
<b>Programa Geral do LUSOCONF2018 (dia 2)</b> .....	vii
<b>Nota do Diretor da Escola</b> .....	1
<b>Texto de Abertura do LUSOCONF</b> .....	2
<b>Organizadores, patrocinadores e colaboradores</b> .....	2
<b>Conferências</b> .....	4
A língua e o preconceito.....	5
O português na China: "uma língua à solta" .....	18
A lusofonia e o mundo de ruturas.....	31
<b>Secção 1. Língua portuguesa</b> .....	36
A africada surda e a semivocalização da lateral: um estudo sociolinguístico.....	37
Sincronia “dinâmica”: Mudanças em curso em áreas críticas do português europeu .....	50
Regionalismos: palavras a não perder .....	63
Varição no uso de porque em português: fatores linguísticos e sociais .....	71
Sobre construções de coordenação num corpus escrito em português de Moçambique .....	83
<b>Secção 2. Didática da língua e da literatura e educação no mundo lusófono</b> .....	98
Didactics of ser/estar in a Portuguese as a Foreign Language environment.....	99
Inclusion of diversity in teaching Portuguese as a foreign language in Eswatini.....	111
Histórias e ideias: aprendizagens significativas com a Literatura para a Infância .....	118
Perceção da empatia etnocultural: implicações para a formação no ensino superior.....	128
A avaliação das aprendizagens no pré-escolar: o portefólio .....	138
Avaliação das aprendizagens: conceções de futuros docentes em formação.....	148
Formação contínua de professores em São Tomé e Príncipe: o papel da supervisão.....	158
Os manuais escolares de ciências naturais de S. Tomé e Príncipe .....	169
Mestrado em Educação Ambiental em S. Tomé e Príncipe – uma análise reflexiva .....	179
Educação ambiental e utilização da água pelas comunidades rurais em STP .....	187
<b>Secção 3. Literatura, Artes e Humanidades</b> .....	199
O hóspede impertinente: o tópico da menstruação na poesia de Gregório de Matos .....	200

## A língua e o preconceito

Alexandra Soares Rodrigues<sup>1</sup>  
[afsr@ipb.pt](mailto:afsr@ipb.pt)

<sup>1</sup>*Instituto Politécnico de Bragança, Portugal*  
*CELGA-ILTEC, Universidade de Coimbra, Portugal*

### Resumo

O presente texto constitui-se como uma reflexão em torno das questões do preconceito relativo às línguas e aos usos das mesmas. É equacionada uma panorâmica histórica acerca do preconceito em relação a diversas línguas, focando-se prementemente a língua portuguesa.

**Palavras-Chave:** preconceito linguístico, português, história da língua.

### 1. O preconceito linguístico

Como todas as manifestações culturais e comportamentais humanas, a língua e a forma como usamos a língua estão sujeitas a um escrutínio social muito agudo. O que digo é sobejamente estudado pela sociolinguística e pela pragmática. Esse escrutínio pode ser explicado por correlações que construímos consciente ou inconscientemente. A língua, código natural específico que podemos usar porque dispomos da faculdade cognitiva da linguagem, é vulgarmente encarada como manifestação do pensamento. Recordemos que em grego a palavra *logos*, que significa ‘linguagem’ e ‘discurso’, também indica ‘pensamento’ e que, em Humboldt (1836), os materiais que servem a combinatorialidade da linguagem são as instâncias do pensamento. Ora, sendo o pensamento de cada um moldado pela sua experiência de vida, pelo meio em que vive, de onde sobressaem a educação, a profissão, as relações sociais e outros elementos que, no mundo ocidental, são sempre confundidos com o próprio indivíduo, pressupõe-se que a língua, manifestando o pensamento, manifesta também a moldagem vivencial do indivíduo.

Estamos a entrar no preconceito, como devem estar a constatar, uma vez que estamos já a fazer ligações entre domínios distintos (língua - pensamento - *modus uiuendi*) que nem sempre se interligam de modo direto ou inequívoco. No entanto, sob o olhar de cada um de nós, através deste preconceito, alicerçado neste pré-conceito, no nosso quotidiano, são avaliadas por nós as pessoas com quem falamos ou que ouvimos falar.

Se um ato de fala é uma exteriorização de conceptualizações que se constroem na nossa mente e se o outro não tem acesso direto à nossa mente, é óbvio que o acesso que se faz à mente do outro só pode ser feito através dos órgãos sensoriais que recebem as únicas formas de manifestação dessas conceptualizações, que são as ações, os movimentos dos órgãos motores (E aqui se inclui a fala e os gestos não linguísticos que acompanham a fala.) e os resultados dessas ações (*e.g.* o modo como nos vestimos, como nos penteamos ou não nos penteamos, os objetos e os seres de que nos rodeamos ou de que não nos rodeamos).

O que tem tudo isto que ver com a língua? De todas as manifestações humanas, a língua e o uso que fazemos da língua são daquelas que talvez mais contribuam para a construção da imagem do indivíduo por parte do outro. A língua, e a maneira como se

usa a língua, é escrutinada, consciente ou inconscientemente pelo nosso interlocutor, servindo-se disso para construir a imagem acerca de nós.

Falo da língua e do uso da língua, sendo necessário distinguir estes dois aspetos. É sabido que uma língua natural é um sistema que permite a organização de conceptualizações (a semântica) através de unidades sensório-percetivas (a fonologia em *lato sensu*) com recurso a uma organização computacional (a sintaxe em *lato sensu*). Atualmente, estão contabilizadas cerca de 7000 línguas vivas, não contando, pois, com as línguas já extintas.

Cada língua, não obstante ser um sistema, está sujeita a uma variação que depende de vários eixos: o tempo (variação diacrónica), o espaço (variação dialetal), a sociedade (variação diastrática) e as idiossincrasias de cada indivíduo (variações diafásicas). O uso que cada um faz da língua que compartilha com os restantes membros da sua comunidade linguística está, pois, sujeito a estes eixos (o tempo histórico e a geografia em que desenvolveu os seus hábitos linguísticos, os espaços sociais que o moldam e as suas próprias idiossincrasias linguísticas). Tudo isto faz que uma língua não seja homogénea. Não sendo homogénea, embora todos falemos português, não o usamos da mesma maneira. A partir daqui surgem dois preconceitos:

- a) eu falo melhor do que o outro, por isso o outro é tosco;
- b) eu falo pior do que o outro, por isso quero falar como o outro, para que aos seus olhos eu não pareça tosco.

Gostaria de fazer um parêntesis para esclarecer que não estou a referir-me ao uso escrito das línguas. A escrita é algo secundário na história das línguas, quer ontogenética quer filogeneticamente. (Não estou a referir-me aos produtos culturais que se constroem com recurso à escrita e mesmo aí a escrita não é imprescindível. Basta pensarmos nos textos homéricos ou nos *Vedas*, de tradição oral.) Ontogeneticamente, a escrita é secundária no sentido de ser aprendida artificialmente, e não de modo natural, em idade tardia relativamente à aquisição da língua materna. Para além disso, a escrita não é necessária para que o indivíduo domine a língua oralmente, como o demonstram os indivíduos não alfabetizados. Um indivíduo não alfabetizado dirá *os gatos correm* e não *os gatas corro*. Filogeneticamente, sendo o *Homo sapiens* uma espécie com cerca de 200 000 anos e, como tal, existindo línguas há pelo menos o mesmo tempo e tendo a escrita surgido somente no IV milénio a. C., é visível que a escrita não é o plano primordial das línguas. Para além disso, há línguas sem tradição escrita e não é por isso que não são línguas.

Relativamente ao preconceito linguístico face ao uso diverso de uma mesma língua, irei centrar-me na variação geográfica e social.

## 2. Preconceito dentro da mesma língua

A variação no espaço está dependente de uma série de traços linguísticos que não são coincidentes geograficamente. As linhas que delimitam esses espaços designam-se por isoglossas. As isoglossas não definem nem línguas nem dialetos de forma estanque, uma vez que não se encontra uma coincidência total entre essas linhas.

No contexto do português europeu, apontam-se alguns traços caracterizadores de cada dialeto ou conjunto de dialetos. Por exemplo, para os dialetos setentrionais, apontam-se, para as regiões mais conservadoras, a realização de /tʃ/ distinto de /ʃ/, distinguindo-se assim a consoante inicial de *chá* da de *xá*; a realização de /ʒ/ distinto de

/s/, distinguindo-se *passo* de *paço*, e /z/ distinto de /z/, distinguindo-se *coser* de *cozer*. Aponta-se ainda a realização de /b/ em vez da distinção entre /b/ e /v/, produzindo-se *vela* do mesmo modo que *bela*. Em certos dialetos setentrionais ocorre monotongo nasal em sílaba final e não ditongo nasal como em /põ/ em vez de /pẽw/ para *pão*.

Não será necessário explicitar que os falantes que apresentam estes traços, quando em confronto com os falantes que não os apresentam, estão sujeitos a juízos de valor por parte dos outros, mas também por parte dos próprios. Por parte dos outros, que ostentam a ideia ‘eu falo melhor do que tu’ e por parte deles próprios com a ideia ‘tu falas melhor do que eu’. O facto de estes falantes terem determinados traços linguísticos faz que esses traços sejam tomados como indício da própria maneira de ser do indivíduo, sendo considerado tosco ou rude ou troglodita.

Se o próprio constrói esta imagem de si próprio em relação ao outro, então poderão ocorrer fenómenos de hipercorreção, como *voi* por *boi*.

De onde provêm estes juízos de valor de que os traços acima apontados são negativos para a imagem do falante? Haverá razões científicas que certifiquem que estes traços cabem num “mau português” e que os seus opostos, ou seja, a realização de *chave* com /ʃ/, de *passo* e de *paço* com /s/, de *cozer* e de *coser* com /z/, de *vela* com /v/ e de *bela* com /b/, cabem no bom português? Para a ciência linguística não existe um mau português ou um bom português. A ciência que o é não é prescritiva, normativa, mas descritiva e explicativa. Mas a ciência permite-nos compreender que existem juízos de valor, preconceitos, que as comunidades linguísticas constroem tendo por base a imagem daquilo que é socialmente prestigiante. Ora, aquilo que é socialmente prestigiante advém daquilo que é considerado poderoso.

Vamos comparar a situação linguística com o castelhano, língua vizinha do português (Rodrigues, 2004).

Em castelhano europeu padrão, ocorre /tʃ/, como em *chiste*, *China*, *muchacho*, *ocho*, e /s/, como em *paso*, *sabor*. Não ocorre a vozeada correspondente, porque desde o séc. XV ocorreu em castelhano a neutralização das fricativas vozeadas. Ocorre /b/ em *vela* ‘pano’ ou em *viejo*.

Observando o mapa dialetal da Península Ibérica, compreendemos que aqueles traços que caracterizam o “bom português” são opostos àqueles que caracterizam o “bom castelhano” e vice-versa. A razão para que duas línguas irmãs apresentem como traços prestigiantes os traços opostos enraíza-se nas circunstâncias histórico-político-sociais que rodearam cada uma destas línguas durante o período medieval. O português, apesar de ter nascido no noroeste peninsular, área a que Piel chamou *Gallaecia Magna*, sofreu um deslocamento para as áreas centro-meridionais, acompanhando a centralização do poder político nestas áreas. O castelhano, tendo tido origem na área do condado de Castilla, posteriormente reino e a partir de 1230 congregador de outros reinos, apesar de ser a língua da reconquista do reino de Castela, não sofre essa meridionalização, uma vez que o poder político, ainda que esporadicamente se situe na zona sul, localiza-se sistemicamente na faixa setentrional.

O que a linguística e a história da língua nos ensinam é que somente por motivos arbitrários tendemos a qualificar como “bom português” ou como “mau português” o que noutras línguas aparentadas com o português é considerado o oposto. O que a sociedade continua a pensar é que quanto mais afastado das áreas de poder estiver o indivíduo, mais tosco, mais rude será; logo o uso que faz da língua é mau. Se apresenta esse uso mau da língua, então é rude, funcionando a argumentação tautologicamente.

Dizíamos, no início deste trabalho, que o modo como usamos a língua é utilizado pelo outro para construir uma imagem acerca de nós. Os traços de linguagem caracterizam os indivíduos e os grupos sociais. Esta observação está na base de recursos usados na literatura para a identificação de personagens. Viajando por séculos passados, Juan del Encina (1468-1529), que compôs música e teatro no tempo dos reis católicos, serve-se do saiguês para moldar personagens rústicas. Veja-se o *Auto del Repelón* de 1492, representado aos Duques de Alba.

As mesmas estratégias se encontram, no contexto português, em Gil Vicente. Nas suas obras, mouros, beirões, ciganos, judeus ou frades que falam mal latim são caracterizados por traços linguísticos próprios. Um estudo de Paul Teyssier, *La Langue de Gil Vicente*, mostra bem estes traços.

No auto *Frágoa de amor*, de 1525, representado aquando do casamento de D. João III com D. Catarina, os deuses pagãos Mercúrio e Cupido apresentam-se numa *frágoa*, ou seja, numa forja de ferreiro, que modifica a aparência das pessoas. Entre outras personagens, aparece um negro que diz (Vicente, 1525):

«Fazer nariz mui delgada,  
e fermosa minha dedo.  
[...]  
Já mão minha branco estae,  
e aquí perna branco he,  
mas a mí fala guiné:  
se a mí negro falae,  
a mí branco para quê?  
Se fala meu he negregado,  
e nam fala Portugás, para que mí martelado?  
[...]  
da caminha negro tornae:  
se mi fala namorado  
a moyer que branco sae,  
elle dirá a mi - bae, bae,  
tu sa home o sá riabo?  
A negra se a mi falae  
dirá a mi sá chacorreyro:  
-Oyae, seoro ferreyro,  
boso meu negro tornae,  
como mi saba primeyro.» (p. 250-251).

Que traços caracterizam esta fala? A não flexão dos verbos, com elisão inclusivamente da vibrante que constitui o morfema do infinitivo, a produção de semivogal no lugar da lateral palatal; o uso de *mi* por *eu*, a não concordância de género, entre outros. Onde podemos colher estes traços? Por um lado, as línguas bantu apresentam

estruturas que podem explicar estes traços; por outro, estes são explicáveis pelo modo como as línguas são geradas.

Nas línguas bantu, a flexão verbal faz-se por prefixação e não por sufixação, o que faz que falantes nativos dessas línguas não operem a flexão por sufixação em línguas que assim funcionam. Veja-se o exemplo do quimbundo, de Diarra (1990):

- a) 1 *mú-thu* ‘pessoa’                      2 *á-thú* ‘pessoas’  
b.) 3 *mù-xí* ‘árvore’                      4 *mí-xì* ‘árvores’  
c.) 5 *dí-lòngà* ‘prato’                      6 *má-lòngà* ‘pratos’

Por outro lado, as estruturas dos crioulos mostram a forma como se criam as línguas, com estruturas flexionais mais simples.

Gostaria que parássemos para pensar se há ou não preconceito por parte daqueles que falam português (não apenas brancos, mas também negros) em relação aos negros que podem ser simbolizados pelas falas de Gil Vicente. Reparem que há de facto preconceito, uma vez que o senso comum não encara a língua inglesa como defeituosa por ser escassa em marcas de flexão, contrariamente ao que faz relativamente aos crioulos. Em inglês, a forma verbal dos exemplos em baixo não sofre flexão. Igualmente, tanto o pronome quanto o adjetivo não sofrem flexão com o nome.

*I read the old book.*

*We read the old book.*

*I read the old books.*

*We read the old books.*

Prossigamos com outras personagens identificadas através de traços linguísticos em Gil Vicente, neste caso, ciganos, no *Auto das ciganas* de 1521 (Vicente, 1521):

«dadnuz limuzna pur l’amur de Diuz;

Cristianuz çumuz, veiz aquí la cruz.

La Vírgen María uz haga dichuzuz,

dadnuz limuzna, ceñurez pudruzuz,

tantico de pan, haré la mezura.» (p. 426).

O que caracteriza a fala dos ciganos de Gil Vicente? Em primeiro lugar, é necessário observarmos que estes ciganos falam castelhano e não português. No entanto, o que caracteriza este castelhano dos ciganos é o *ceceo*. O ceceo designa um fenómeno dialetal do castelhano, caracterizador dos dialetos meridionais de Espanha e de outras áreas geográficas não europeias, em que se dá uma neutralização da oposição entre /s/ e /θ/, em detrimento do primeiro. Assim, em vez de *paso* e *pazo* serem distinguidos fonologicamente, não o são. No séc. XVI, no castelhano padrão, ocorria ainda a articulação /s/ pré-dorso-alveolar e não já a articulação dental /θ/, que surgirá no séc. XVII, em lexemas como *pazo*. Assim, o ceceo da fala dos ciganos em Gil Vicente será pré-dorso-alveolar e não dental.

Tabela 1: Fricativas do castelhano no séc. XVI

fonema	/s/	/s/	/ç/
grafia	<-ss->; <s->; <-s->	<ç>, <ci>, <ce>, <z>	<x>
exemplo	<i>passo</i> <i>saber</i> <i>casa</i>	<i>braço</i> <i>abraçar</i> <i>dezir</i>	<i>dixe</i>

Outras personagens caracterizadas linguisticamente são os mouros. Veja-se, por exemplo, a tragicomédia *Corte de Júpiter*, de 1521 (Vicente, 1521):

Moura: «Mi no saber que exto extar,  
mi no saber que exto xer,  
mi no saber onde andar.  
Halaa saber divinar,  
lo que extar Halaa saber  
[...]  
Halla digirme que ex exto.» (p. 243).

Mais uma vez, é necessário ter em conta que a moura fala castelhano, mas com traços estranhos a esta língua.

Como devemos interpretar esta grafia <x>? Trata-se de um fenómeno de *xexo*. Mais uma vez, é necessário ter em conta o sistema de fricativas do castelhano no séc. XVI, que não é exatamente igual ao atual. Neste período, ocorre a fricativa palatal /ç/ em castelhano.

No entanto, o que observamos nesta fala da moura é que a consoante representada por <x> não se encontra na posição da fricativa palatal do /ç/ castelhano quinhentista, mas na posição da fricativa apicoalveolar /s̺/.

A explicação para esta ocorrência encontramos-na no sistema de fricativas do árabe, em que existem fricativas velares /x/ e uvulares /χ/.

Os judeus são também identificados por traços fonológicos, por exemplo, pela produção do ditongo *oi* no lugar de *ou*, como no *Auto da Lusitânia*, (Vicente, 1532):

«Nunca logre esse mantam,  
se o Conde Mordomo-mor  
nam s'emborcou até chão  
co barrete no arçam,  
como s'eu fôra doytor  
da casa da Rolaçam.» (p. 467)

Julgo que não se devem tomar estas caricaturizações como modos de anulação do não europeu. Na verdade, também os rústicos portugueses são caracterizados por traços linguísticos. Tipicamente, em Gil Vicente o rústico é oriundo das beiras. Trás-os-Montes estava demasiado longe de Lisboa; de outro modo, os rústicos seríamos os transmontanos.

Esses traços são, por exemplo, lexicais e morfológicos, como o uso do advérbio *samicas* ‘talvez’, a forma verbal *sondes* por *sois*, a forma *chantou* e a forma *Decho*. Veja-se no *Auto Pastoril Português* de 1523, a fala de Caterina, pastora de cabras (Vicente, 1523):

«Samicas doudejaes vós?  
S’eu lá vou, veremos nós  
se sondes cabras, s’aquellas!  
O Decho se chantou nellas!» (p. 100).

Com estes breves exemplos pretendia exemplificar o preconceito dentro da mesma língua.

### 3. Preconceitos de uma língua em relação a outra língua

Debruçar-nos-emos agora sobre os preconceitos de falantes de uma língua em relação a outra língua.

Mais uma vez podemos estar perante o preconceito negativo ou positivo, ou seja, o outro é pior do que eu e o outro é melhor do que eu.

Será que podemos dizer que o europeu sempre viu o não europeu como o outro? Que as línguas europeias são encaradas pelos seus falantes como línguas superiores? Sim e não. Sim e não porque não se trata de se considerarem todas as línguas europeias como superiores, mas apenas as línguas do poder. Isto significa que o preconceito se instala não só em relação aos não europeus, mas também em relação aos europeus que não falam uma das línguas do poder. O eu tem poder; o outro não o tem. Como tal a língua do eu impõe-se ao outro, porque eu não reconheço o outro como um eu. Ocorre com isto um maravilhamento do poder.

A história da humanidade está repleta de exemplos destes. Os gregos, na época clássica, designavam os povos não falantes da língua helénica por *barbaroi*, ‘bárbaros’, recorrendo a uma onomatopeia com que pretendiam imitar os sons dessas outras línguas alheias ao grego. Repare-se que há aqui a anulação das línguas dos outros. Nós falamos grego e os que não falam grego são os outros, produzem uns sons como *bar-bar*, a que nem reconhecemos o estatuto de língua civilizada.

Também na Alta Idade média, na Península Ibérica, se podem observar juízos de valor acerca das línguas do eu e do outro. No ano de 854, Álvaro de Córdova (*apud* Menéndez Pidal, [1926] 1999, pp. 417-418) escreve: «Heu. Pro dolor! linguam suam nesciunt christiani et linguam propriam non advertunt latini!»; ou seja, «Oh! Que dor! Os cristãos desconhecem a sua língua e os latinos não reconhecem a sua própria língua». Prossegue queixando-se de que os mancebos estão deslumbrados com a cultura árabe e que sabem compor poesia em árabe melhor do que os próprios árabes, mas são incapazes de escrever em latim uma simples carta.

Note-se que em castelhano ocorre a palavra *aljamía* que em árabe significa ‘língua estrangeira; designação dada pelos muçulmanos da Península à língua dos cristãos’ e que em português se encontra o lexema *algaraviada*, por ‘modo de falar confuso e difícil de perceber’, com origem no árabe *al-'arabí îâ*, que designa ‘língua árabe’.

Mas passemos para o período em que as línguas vulgares edificam conscientemente o seu próprio estatuto de línguas de cultura. Esta edificação é marcada

na Europa com Dante Alighieri, no texto *De uulgari eloquentia*, publicado entre 1303 e 1305. No entanto, é a partir da expansão que esta ideia se arvora de modo sólido. É no séc. XV que vemos a divulgação da ideia, em palavras do primeiro gramático de uma língua moderna, Antonio de Nebrija, de que a língua é companheira do império. A gramática de Nebrija, que visa a língua castelhana, é de 1492. Reparem na data: chegada de Colombo à América.

Nebrija (1492, ii-iii):

«Cuando bien conmigo pienso mui esclarecida Reina: y pongo delante los ojos el antigüedad de todas las cosas: que para nuestra recordación e memoria quedaron escriptas: una cosa hallo y saco por conclusión mui cierta: que siempre la lengua fue compañera del imperio: y de tal manera lo siguió: que junta mente comenzaron. crecieron. y florecieron. y después junta fue la caída de entrambos. y dejadas agora las cosas mui antiguas de que apenas tenemos una imagen y sombra de la verdad: cuales son las de los assirios.

[refere os hebreus, os gregos e os romanos]

Lo que diximos de la lengua ebraica. griega y latina: podemos mui más clara mente mostrar en la castellana: que tuvo su niñez en el tiempo de los juezes y reies de Castilla y de León: y comenzó a mostrar sus fuerças en tiempo del mui esclarecido y digno de toda la eternidad el rei don Alonso el sabio. Por cuio mandado se escriuieron las Siete Partidas. la General Istoría. y fueron trasladados muchos libros de latín y aráuigo en nuestra lengua castellana. La cual se estendió después hasta Aragón y Navarra y de allí a Italia siguiendo la compañía de los infantes que enbiamos a imperar en aquellos reinos. y assí creció hasta la monarquía y paz de que gozamos primera mente por la bondad y prouidencia diuina: después por la industria. trabajo y diligencia de vuestra real Majestad. En la fortuna y buena dicha de la cual los miembros y pedaços de España que estauan por muchas partes derramados: se reduxeron y aiuntaron en un cuerpo y unidad de reino. La forma y travazón del cual assí está ordenada que muchos siglos. iniuria y tiempos no la podrán romper ni desatar.

[...]

y porque mi pensamiento y gana siempre fue engrandecer las cosas de nuestra nación: y dar a los ombres de mi lengua obras en que mejor puedan emplear su ocio: que agora lo gastan leyendo novelas o istorias enbueeltas en mil mentiras y errores: acordé ante todas las otras cosas reduzir en artificio este nuestro lenguaje castellano: para que lo que agora y de aquí adelante en él se escriuiere pueda quedar en un tenor: y estenderse en toda la duración de los tiempos que están por venir. Como vemos que se a hecho en la lengua griega y latina: las cuales por aver estado debaxo de arte: aunque sobre ellas an passado muchos siglos: todavía quedan en una uniformidad.

[...]

En Salamanca di la muestra de aquesta obra a vuestra real Majestad: y me preguntó que para qué podía aprovechar: el mui reverendo padre obispo de Ávila me arrebató la respuesta: y respondiendo por mí dixo. Que después que vuestra Alteza metiesse debaxo de su iugo muchos pueblos bárbaros y naciones de peregrinas lenguas: y con el vencimiento aquellos ternían necesidad de recibir las leies: quel vencedor pone al vencido y con ellas nuestra lengua: entonces por esta mi Arte podrán venir en el conocimiento della como agora nos otros deprendemos el Arte de la Gramática latina para deprender el latín. y cierto assí es que no sola mente los enemigos de nuestra fe que tienen ia necesidad de saber el lenguaje castellano: mas los vizcaínos. navarros. franceses. italianos. y todos los otros que tienen algún trato y conversación en España y necesidad de nuestra lengua: si no vienen desde niños a la deprender por uso: podrán la más aína saber por esta mi obra.».

Esta ideia da língua companheira do império não nasce com Nebrija. Segundo Asensio (1960), já aparece no texto *Elegantiae linguae latinae* de 1471, do humanista italiano Lorenzo Valla, no Prefácio:

«Amisimus Romam, amisimus regnum, amisimus dominatum: tamesti non nostra, sed temporum culpa: veruntamen per hunc splendidiorem dominatum in magna adhuc orbis parte regnamus. Nostra est Italia, nostra Gallia, nostra Hispania, [...]. Ibi namque Romanum imperium est, vbicumque Romana lingua dominatur.»

ou seja,

«Perdemos Roma, perdemos o reino e o domínio: não por nossa culpa, mas por culpa dos tempos: mas graças a este esplendoroso domínio [o das letras], ainda reinamos em grande parte do mundo. Nossa é a Itália, nossa a Gália, nossa a Espanha, a Germânia, a Panónia, a Dalmácia e a Ilíria e muitas outras nações. Porque o império romano está onde domine a língua romana.»

Também a ideia tem expressão em Gonzalo García de Santa María, *Las vidas de los Santos Religiosos*, 1486-1491:

«Y porque el real imperio que oy tenemos es castellano y los muy exçelentes rey e reyna nuestros señores an escogido como por asiento e silla de todos sus reynos el reyno de Castilla, deliberé de poner la obra presente en lengua castellana, porque la habla comúnmente más que todas las otras cosas sigue al imperio, y quando los príncipes que Reynan tienen muy esmerada y perfecta la habla, los súbditos esso mismo la tienen.

Ay allende esso en la misma Castilla, como son diuersos reynos en uno ayuntados, algunas tan grosseras y ásperas lenguas como es Galizia, Vizcaya, Asturias y Tierra de Campos, que ni aquellas ni lo muy andaluz es auído por lenguaje esmerado, ca, lo uno, de muy grueso y rudo se pierde y, lo otro, de muy morisco en muchos vocablos apenas entre los mismos Castellanos se entiende. Ca el vocablo debe ser como la moneda, de tan buena liga, peso y cuño, que en ninguna tierra de las mismas del príncipe que la batió se rehúse.

Y porque las cortes de los reyes van por todo y toman de cada qual lo mejor, y los que hablan delante de los reyes y príncipes trabajan de poner sus buenas razones por los mejores términos que saben y alcançan, en cada lugar es auída la lengua de la corte por de todas la mejor y más encimada. Y la misma diferencia y ventaja que lleua la habla del hombre de pro a la del villano y soez, aunque ayan ambos nascido en vna misma ciudad y barrio, aquella lleua la de la Corte a la de las otras villas y ciudades de todo el reyno.»

A defesa da própria língua encontra-se explícita em *Il cortegiano* de Castiglione, de 1528, que condena os lombardos, seus conterrâneos, que «se sono statí un anno for di casa, ritornati subito cominciano a parlare romano, talor spagnolo e francese, e Dio sa come.» (Castiglione [1528] 1960, p. 69-70).

Também Oliveira (1536, p. 11) condena os portugueses «os ñes como chegão a Toledo: logo se não lebrã de sua terra a ñ muito deuem. E em vez de apurarẽ sua lingua corrompẽna com emprestillos». Segundo o gramático (Oliveira, 1536), estes

«de tal feyção se aleuantão contra a nossa lingua: e a fazem pobre e toda emprestada ñ lhe não deyxão nada proprio como se não houuera homẽs na nossa terra antigos e nobres: e sabedores: mas por ventura os ossos de seus pais e auos destes que isto dizem não jazem em portugal [...] porque desfazem muito na gloria do çeptro e coroa do nosso reyno. estes assi como tambẽ cortão a perpetuidade delle os que de nouo trazem noua lingua a terra: porq̃ a lingua e a vnidade della he mui çerto apellido do reyno do senhor e da irmandade dos vassalos». (p. 44).

Todos nós conhecemos a história do engazo, que tem ecos nos textos de Frei Sarmiento (1746-1747), grande defensor da língua galega:

«Esta voz [angazo] es famosa en Galicia por un chiste que dicen sucedió con un gallego, que por haber andado por Castilla, había olvidado su lengua. Está en tal disposición el angazo que, si puesto en el suelo y tocando con las puntas de sus dientes en él, se pone el pie en la extremidad del mango o astil que hace cruz con el travesaño, del cual salen los dientes, al instante se levanta el mango y viene a dar con fuerza en la frente del que le tocó con el pie. Al chiste. Concurriendo el dicho gallego con su madre en una era, y viendo allí el instrumento, preguntó a su madre cómo se llamaba. Mandóle su madre que pusiese el pie en la extremidad arriba dicha. Apenas le puso cuando el mango, vindicando su propio y nativo nombre, se elevó y le dio en la frente una feroz testerada. Al punto dijo el mozo olvidadizo, «!ay miña nay, ô angazo!». Ese es, hijo mío, dijo la madre, en nombre de ese instrumento.».

Mas regresemos a Oliveira. Já neste autor se encontra a ideia de que a língua é espelho de quem a fala (Oliveira, 1536): «Cada hu'fala como que'he: os bos falão virtudes e os maliçiosos maldades: os religiosos p'gão d'sprezos do mûdo e os cavaleiros blasonão suas façanhas» (p. 4).

A ideia de Jean-Jacques Rousseau, e também de Humboldt, de que existe uma relação de causa-efeito entre os climas e as características das línguas tem já paralelo em Oliveira. Mas vejamos primeiro o texto de Rousseau ([1781] 2001):

«A causa das diferenças entre as línguas é uma causa local, que tem a ver com os climas em que elas nascem [...]» (p. 69)

«[...] nas regiões de climas amenos e de terrenos férteis foi necessária toda a violência das paixões que constituem uma fonte de prazer para levar os seus habitantes a falar: as primeiras línguas, filhas do prazer e não da necessidade, conservaram durante bastante tempo as marcas da sua origem [...]» (p. 94)

«As línguas do Sul tornaram-se [naturalmente] vivas, sonoras, acentuadas, eloquentes e por vezes obscuras, devido à sua própria energia; as do Norte, por seu turno, acabaram por se tornar veladas, rudes, articuladas, gritadas, monótonas e claras. [...] O francês, o inglês e o alemão são por exemplo línguas próprias de homens que se entreajudam, que ajuízam as coisas entre si e a sangue frio, ou de indivíduos excitados que se disputam.» p. 94.

Observemos agora Oliveira (1536):

«E he muito de culpar este defeyto das calidades serem diuersas: nas quaes tem dominio as condições do çeo e terra em que viuem os homẽs vem que hũas gentes formão suas vozes mays no papo, como caldeus e arabigos/ e outras nações cortão vozes ap'ßsandosse mays em seu falar: mas nos falamos com grande repouso como homẽs assentados» (pp. 4-5).

Nas comparações entre as línguas ocorrem observações objetivas e subjetivas. Nas objetivas podemos ver descrições articulatórias, como as que ocorrem em Oliveira (1536):

«as gẽtes da europa falão todas cos beiços dẽtes e p'õta da lingua, cõ a q̃l p'õdoa em diuersas partes da boca formão diuersas letras: e nos mais q̃ todos cõ aboca mais aberta e as nossas vozes são mais fora da boca: o q̃ não tẽ os hebre'e arabigos cuja p'õpria e aspiração. porq̃ elles formão suas vozes d'ẽtro q̃si na fresura d'õde falãdo lâçãõ muito espirito.» (p. 23).

Nas subjetivas encontramos a atribuição de caracteres de personalidade aos modos de falar, como em Oliveira (1536): «nos falamos boquicheos com mays magestade e

firmeza» (p. 12). A grandiosidade com que Oliveira (1536) caracteriza a língua portuguesa, leva-o a emular esta com as línguas grega e latina:

«Porque Greçia e Roma so por isto ainda viue: porq̃ quãdo senhoreauão o mundo mandarão a todas as gentes a elles sogeytas aprender suas linguas [...]. [...] não façamos assy mas tornemos sobre nos agora que he tempo e somos senhores porque milhor he que ensinemos a Guine ca que sejamos ensinados de Roma [...]. E não desconfiemos da nossa lingua porque os homens fazem a lingua/ e não a lingoa os homens.» (p. 7)

Em 1540, João de Barros publica a sua *Grammatica da lingua portuguesa*, seguida de uma *Orthographia* e de um *Dialogo em louvor da nossa linguagem*. É neste último que podemos encontrar comentários subjetivos acerca da língua portuguesa e de outras línguas europeias.

Segundo a argumentação de João de Barros (1540), a língua portuguesa é a mais próxima da latina e apresenta-se mais própria de homens do que a francesa ou a italiana:

«E pera hum Françaes formár hum seu próprio ditõngo, fáz nos beiços esguáres que póde amedrontár mininos: cousa de que hum natural orador fóge [...]. Certo assy a Françaesa, como a Italiana, mais pareçem fála pera molheres, que gráue pera hómçes: em tâto que se Catã fora uiuo, me parece se peiára de a pronunçiar.» (p. 55).

Tem João de Barros (1540) consciência de que as línguas são mais duradouras do que os impérios e os objetos materiais:

«E quanto antre as cousas materiáes, é de mayór exçelencia aquella que máis dura: tanto açerca das cousas da honrra sam de mayór glória as que a memória mais retẽ. Exẽplo temos em todalas monarchias, cá se perderã cõ a uariadade do tẽpo, e fortuna das cousas humanas; però leixou a lingua latina este sinál de seu imperio, q̃ durará eternamente. As ármãs e padrões portugueses póstos em Africa, e em Asia, e em tantas mil ilhas fóra da repartiçãm das tres pártes da terra, materiáes sam, e podeãs o tempo gastár: però nã gastará doutrina, costumes, linguágem, que os portugueses nestas terras leixárem. (F) Nam sey lógo quáil será o portugues de tã errádo iuizo, pois é çerto que mais póde durár hum bom costume e uocabulo, que hũ padrã: por que senã preza mais leixár na India este nome, mercadoria, que trazer de lá beniága, cá é sinal de ser uençedor e nam uençido. (P) Certo é que nã á hy glória que se póssa acomparár, a quãdo os mininos Ethiopas, Persianos, indos da quẽ e dalẽ do Gange, em suas próprias terras, na força de seus tẽplos e pagódes, onde nunca se ouiuo o nome romano: per esta nõssa árte aprenderem a nõssa linguágem [...].» (p. 58)

Em 1574, Pero de Magalhães de Gândavo publica *Regras que ensinam a maneira de escreuer a orthographia da lingua portuguesa: com hum dialogo que adiante se segue em defensam da mesma lingua*. No diálogo entram em confronto um português (Petronio) e um castelhano (Falencio). O castelhano diz que a língua portuguesa é a mais tosca e grosseira do mundo.

Acabam disputando qual das línguas é mais semelhante ao latim, porque disto depende a perfeição da língua.

Noutros contextos, temos a mesma visão egocêntrica. Em 1641, Georg Philipp Hardsdörffer, em *Frauenzimmer Gesprächspiel* (apud Eco 1996, p. 103) sustenta que o alemão é a mais perfeita de todas as línguas, pois

«fala com as línguas da natureza, exprimindo bem perceptivelmente todos os sons [...]. Troveja com o céu, relampeja com as nuvens velozes, fere com a geadã, assobia com os ventos, espuma com as ondas, range com as fechaduras, ressoa com o ar, detona com os canhões, ruge como o leão, muge como o boi, rosna como o urso, brame como o veado, bale como a ovelha [...]. A natureza fala, em todas as coisas que emitem som próprio, a

nossa linguagem alemã, e por isso muitos pretendem e afirmam que Adão, o primeiro homem, não pôde nomear as aves e todos os animais da terra a não ser como as nossas palavras [...].».

A atitude que vimos ser aforizada por Nebrija - a língua companheira do império - irá ser mais forte com a construção dos estados modernos centralistas. Em Portugal, não há dificuldades políticas na imposição de qual língua deve ser a afirmação da unidade política, uma vez que as línguas de ascendência leonesa se encontram esquecidas pelo poder político central. No Brasil, o Marquês de Pombal impõe o uso do português.

Em Espanha, com o centralismo agudizado a partir da dinastia de Bourbon, que ascende ao poder com Felipe V, em 1700, e se reforça com Carlos III, a imposição da língua castelhana em toda a Espanha é exercida pela força da lei e baseia-se, mais uma vez, no princípio da economia. Leiam-se as palavras de Miguel Antonio de la Gándara, *Apuntes sobre el bien y el mal de España escritos por orden del Rey* ([1758-1759] 1811): «á la unidad de un Rey son consiguientes necesarios consiguientemente otras seis unidades: una moneda, una ley, un peso, una medida, una lengua y una religión» (p. 347).

Não se pense, no entanto, que em França, com a revolução francesa, a visão relativa às línguas se torna democrática e livre. Se nos primeiros tempos há um compromisso de respeito para com as línguas minoritárias, para que a ideologia se expanda, é já em 1794 que Grégoire publica *Rapport sur la nécessité et les moyens d'anéantir les patois et d'universaliser l'usage de la langue française*. Neste texto podemos observar uma posição negativa e de anulação do estatuto de língua de todas aquelas que, sendo faladas em França ou nas colónias francesas, não sejam o francês:

«Nous n'avons plus de provinces, et nous avons encore environ trente patois qui en rappellent les noms.

Peut-être n'est-il pas inutile d'en faire l'énumération : le bas-breton, le normand, le picard, le rouchi ou wallon, le flamand, le champenois, le messin, le lorrain, le franc-comtois, le bourguignon, le bressan, le lyonnais, le dauphinois, l'auvergnat, le poitevin, le limousin, le picard, le provençal, le languedocien, le velayen, le catalan, le béarnais, le basque, le rouergat et le gascon ; ce dernier seul est parlé sur une surface de 60 lieues en tout sens.

Au nombre des patois, on doit placer encore l'italien de la Corse, des Alpes-Maritimes, et l'allemand des Haut et Bas-Rhin, parce que ces deux idiomes y sont très-dégénérés.

Enfin les nègres de nos colonies, dont vous avez fait des hommes, ont une espèce d'idiome pauvre comme celui des Hottentots, comme la langue franque, qui, dans tous les verbes, ne connaît guère que l'infinif.

A 16 de junho de 1794, o Comité de salut public reforça a ideia de que se devem anular todas as línguas que não o francês: «Dans une République une et indivisible, la langue doit être une. C'est un fédéralisme que la variété des dialectes, il faut le briser entièrement.».

Que razões há para que sejam tomadas estas línguas - a portuguesa, a castelhana ou a francesa - como línguas superiores?

A razão primeira radica na ideia da superioridade e da economia de que já falámos.

A razão profunda poderemos encontrá-la na *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, na passagem em que o rei dos Tártaros questiona os portugueses por se aventurarem por tão longínquas terras. E os próprios Tártaros encontram a explicação para tais feitos:

«-Conquistar esta gente terra tão alongada da sua pátria, dá claramente a entender que deve haver entre eles muita cobiça e pouca justiça. [...] Assim parece que deve ser, porque homens que por indústria e engenho voam por cima das águas todas, para adquirirem o

que Deus não lhes deu, ou a pobreza deles é tanta que de todo lhes faz esquecer a sua pátria, ou a vaidade e a cegueira que lhes causa a sua cobiça é tamanha que por ela negam a Deus e a seus pais.» (Pinto ([1624] 2001, p. 396).

Contudo, este seria um tema para uma outra conferência, que não seria proferida por um linguista.

## Referências

- Asensio, E. (1960). La lengua compañera de imperio. Historia de una idea de Nebrija en España y Portugal. *Revista de Filología Española* XLIII, n.º 3/4, 399-413.
- Barros, J. (1540). *Grammatica da lingua portuguesa*. Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigi[m].
- Castiglione, B. ([1528] 1960). *Il cortegiano*. (A cura di Giulio Preti). Torino: Einaudi.
- Diarra, B. (1990). *Gramática kimbundu*. Luanda: Secretaria de Estado da Cultura, Instituto de Línguas Nacionais.
- Gándara, M. A. de la ([1758-1759] 1811). *Apuntes sobre el bien y el mal de España escritos por orden del Rey*. Valencia: en la Imprenta de Estevan.
- Gândavo, P. M. de (1574). *Regras que ensinam a maneira de escreuer a orthographia da lingua portuguesa: com hum dialogo que adiante se segue em defensam da mesma lingua*. Lisboa: na officina de Antonio Gonsaluez.
- García de Santa María, G. (1486-1491). *Las vidas de los Santos Religiosos de Egipto*. Zaragoza: Hurus.
- Grégoire, H. (1794). *Rapport sur la nécessité et les moyens d'anéantir les patois et d'universaliser l'usage de la langue française*. Convention Nationale.
- Eco, U. (1996). *A procura da língua perfeita*. Lisboa: Editorial Presença.
- Humboldt, W. ([1836] 1999). *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*. Berlin: F. Dummler. (Tradução em inglês: *On language. On the diversity of human language construction and its influence on the mental development of the human species*. Cambridge: Cambridge University Press).
- Martín Sarmiento, F. (1746-1747). *Coloquio en mil duascentas coplas galegas, ou Colección de voces y frases gallegas ou Coloquio de veinticuatro gallegos rústicos* (edição autógrafo).
- Menéndez Pidal, R. ([1926] 1999<sup>11</sup>). *Orígenes de español*. Madrid: Editorial Gredos.
- Oliveira, F. (1536). *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Lisboa: e[m] casa d'Germão Galharde.
- Rodrigues, A. S. (2004). Da norma da língua sob a perspectiva da Linguística. In *Conferências das comemorações dos 150 anos do Liceu de Bragança* (pp.65-91). Bragança: Edição da Escola Secundária Emídio Garcia/ Porto Editora.
- Rousseau, J.-J. ([1781] 2001). *Essai sur l'origine des langues*. (Tradução portuguesa *Ensaio sobre a origem das línguas*. Lisboa: Editorial Estampa).
- Teyssier, P. (1959). *La langue de Gil Vicente*. Paris: Librairie Klincksieck.
- Valla, L. (1471). *Elegantiae linguae latinae*. Venise.
- Vicente, G. ([1502-1536] 1979). *Obras completas*. Coordenação do texto, introdução, notas e glossário de Á. J. da Costa Pimpão. Porto: Livraria Civilização-Editora.